



Análise MENSAL

Macroeconomia

MAIO DE 2020

[Participe de nossa pesquisa de opinião, clique aqui!](#)



1. INTRODUÇÃO

Começam a sair os primeiros resultados trimestrais, mostrando os efeitos do coronavírus sobre a economia. Na Ásia e na Europa, os países já estão voltando à normalidade, enquanto Brasil e EUA, onde o vírus chegou mais tarde, ainda estão em situação pior.

Aliás, esse cenário nos EUA já prepara o terreno para mais um problema pós-pandemia: o presidente Donald Trump declarou que a China é culpada pela disseminação, devendo pedir que o país receba sanções por isso, e a questão de Hong Kong pode o estopim.

A Europa continua o processo de abertura, com restaurantes e campeonatos esportivos voltando. Apesar de ainda ser gradual, deve voltar a aquecer a demanda por alimentos.

Na Ásia, a preocupação é quanto a uma segunda onda de contaminações e, portanto, alguns setores continuam fechados, como museus e parques, mas o apetite por produtos básicos já está aumentando e o Brasil já fechou acordos com alguns países asiáticos.

Na América Latina, tirando o Brasil, o México, o Peru e o Equador, os países estão mais tranquilos acerca da pandemia e podem se aproveitar caso a quarentena siga por aqui.

No estado de São Paulo, o mais importante para a economia brasileira, a fase 2 do combate à pandemia está para se iniciar já no primeiro dia de junho, o que levará à abertura de shoppings e de comércio, mas restaurantes seguirão fechados.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Os Estados Unidos já tiveram uma grande queda de PIB no primeiro trimestre, e, por isso, o FED já sinalizou que não vai parar de ajudar na recuperação econômica, mesmo já tendo feito algumas ações, como juros próximos a 0, compra de ativos para dar liquidez à economia e empréstimos emergenciais.

O desemprego nos EUA disparou em abril, chegando a 14,7%, e com números de pedidos de auxílio em quase 25%. Esse resultado é o pior da história norte-americana. Com isso, a importação de alimentos básicos está em alta, com diminuições de regras e aumentos de quantitativos de cotas, o que pode beneficiar o Brasil.

Com a situação interna ruim, o presidente Donald Trump culpou os chineses pela pandemia, boicotou a OMS e já se prepara para uma ofensiva em favor de Hong Kong.

O dólar começou a se desvalorizar perante o euro visto que a reabertura da economia europeia animou os mercados e elevou a busca por euros.

A União Europeia discutiu suas novas políticas agrícolas e a mudança estratégica é grande: com preocupação acerca da biodiversidade, busca-se diminuir espécies de fora, o uso mais intensivo do solo, o aumento da produção orgânica e recuperação de matas. Isso é excelente para o Brasil, pois isso significa que mais comida será importada por países que compõem esse bloco.

A economia chinesa ainda sofre, mesmo sendo um dos primeiros países a se recuperar da coronavírus: a taxa de desemprego próxima de 20% e o esforço do governo central em reaquecer a economia, que é baseada em exportação, acabam tendo que esperar também a recuperação de outros países, para que o fluxo comercial volte próximo da normalidade.

As importações chinesas de produtos agrícolas vindos dos EUA aumentaram, e isso é um sinal de alerta para o Brasil, pois a grande produção de milho ou de soja pode causar uma necessidade de buscas por outros mercados.

A Índia, que teve casos tardios de coronavírus na Ásia, acabou relaxando a quarentena, mas os casos voltaram a disparar. Se uma nova paralisação da economia for necessária, o país necessitará importar alimentos.

A Tailândia vota no dia 31 de maio o que pode ser o maior estímulo econômico da história do país: US\$ 60 bilhões. Mesmo com a valorização do arroz, muito procurado por países que necessitavam de comida nesse período, a economia do país sofreu bastante com o covid-19.

A economia japonesa entrou em recessão, o que não ocorria desde 2015. A queda do PIB, comparada com o crescimento pífio recente, fará a economia recuar anos. O governo já prepara outro pacote de auxílios, que não deve afetar as exportações brasileiras.

Macroeconomia

MAIO DE 2020

Se a história da Argentina estava parecendo um tango, com problemas em um momento em que o país poderia se beneficiar da falta de alimentos no mundo, mas tudo deu errado, agora há um descanso: o país, que iria declarar moratória, conseguiu um acordo com os credores. Mesmo assim, os produtores de soja estão sofrendo com a situação atual.

A Colômbia está com o calendário parecido com o brasileiro: início de reabertura no início de junho. Também se assemelha a política de corte de juros, lá ainda mais baixos que no Brasil. Aliás, os dois países fizeram acordos acerca de suínos, aves, carnes e lácteos.

3. BRASIL

Segundo o boletim Focus do dia 22 de maio, houve uma grande queda na expectativa do PIB em 2020, que já previa uma grande retração e, no momento, apresenta uma queda de 5,89%, devido aos efeitos da quarentena, que está durando mais que o esperado, causando efeitos enormes sobre a economia.

Ainda segundo esse relatório, a inflação de 2020 está estimada em 1,57%, abaixo da meta de 4%. Esse valor é menor que o apresentado no último relatório visto que com a economia parada, o consumo diminuiu, fazendo com que haja uma pressão negativa nos preços.

O dólar iniciou maio cotado a R\$ 5,49, chegando a R\$ 5,33 no final do mês, face à saída do *lockdown* por muitos países europeus e à normalidade na China e em outros países do oriente.

A taxa de juros caiu logo no início do mês, ficando em 3% ao ano, como previsto. Assim, o crédito rural, que tem demanda bem superior à do ano passado, deve continuar aumentando.

O desemprego no Brasil subiu 12,5%, passando para 12,6% no primeiro trimestre, atingindo 12,8 milhões de brasileiros. A renda média do trabalhador teve aumento de 2% em relação ao trimestre anterior.

As exportações do agronegócio brasileiro em abril foram de US\$ 10,22 bilhões, sendo o melhor mês de abril desde 2013 e 25% maior em relação ao ano passado. Soja e carnes foram o destaque, assim como a China, que comprou quase 75% de todos os grãos exportados pelo Brasil nos primeiros quatro meses do ano.

Após a grande queda nos preços de petróleo em abril, houve uma grande recuperação em maio: o petróleo Brent se valorizou 68,63% no mês, recuperação menor que a vista para o WTI, com mais de 88% de valorização, causada pela retomada econômica em vários países e pelo acordo entre Rússia e Arábia Saudita.

Já para as commodities agrícolas, de acordo com o índice de preço de alimentos da FAO, houve queda nos preços internacionais no mês de abril, da ordem de 3,50%. Todos os setores foram negativados, mas o que apresentou a maior queda foi o açúcar, com 17,05% de queda.

A balança comercial da agropecuária brasileira teve no mês de abril um superávit de 9,2 bilhões de reais, aumento de 32,2% em relação ao mesmo mês em 2019, em vista do aumento da exportação já citado anteriormente, também pela queda na importação.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, subiu 1,56% na comparação com março, com o segmento de energia seguindo em queda, enquanto metais e agropecuária mostraram alta.

A agricultura 4.0 ainda é limitada pela infraestrutura brasileira: são poucos os pontos com internet de alta velocidade no interior do Brasil para que essa revolução aconteça, e mesmo com a aceleração da adoção desse tipo de tecnologia no campo, ainda há muito caminho a se trilhar para que seu uso seja “democratizado”.

As barreiras internacionais também estão sendo reduzidas: além das compras emergenciais, que reduziram exigências, o Brasil fez acordo com 21 países, abrindo 48 mercados diferentes. Entre eles, inclui-se um importante acordo de frutas e sucos para com a China, que também abriu o mercado para carne termoprocessada brasileira.

Na questão política, o Brasil ainda sofre muito com a queda de braços entre os poderes, que unidos, tentam enfraquecer o governo central. Com isso, é difícil esperar qualquer tranquilidade no curto prazo e provavelmente será assim até as próximas eleições. No entanto, as questões acerca de denúncias do ex-ministro e ex-juiz Sérgio Moro perderam força e não devem afetar tanto a economia.